

Dirigente Regional de Ensino aposta na tecnologia para repor perdas da pandemia



evidência

Edição 05 - Agosto/Setembro2023

Cid Torquato

A FÓRMULA DA SUPERACÃO

Aos 60 anos, o mogiano dribla as limitações da tetraplegia com trabalho focado na inclusão



CENTRO MUNICIPAL DE PARADESPORTO

PROFESSOR CID TORQUATO

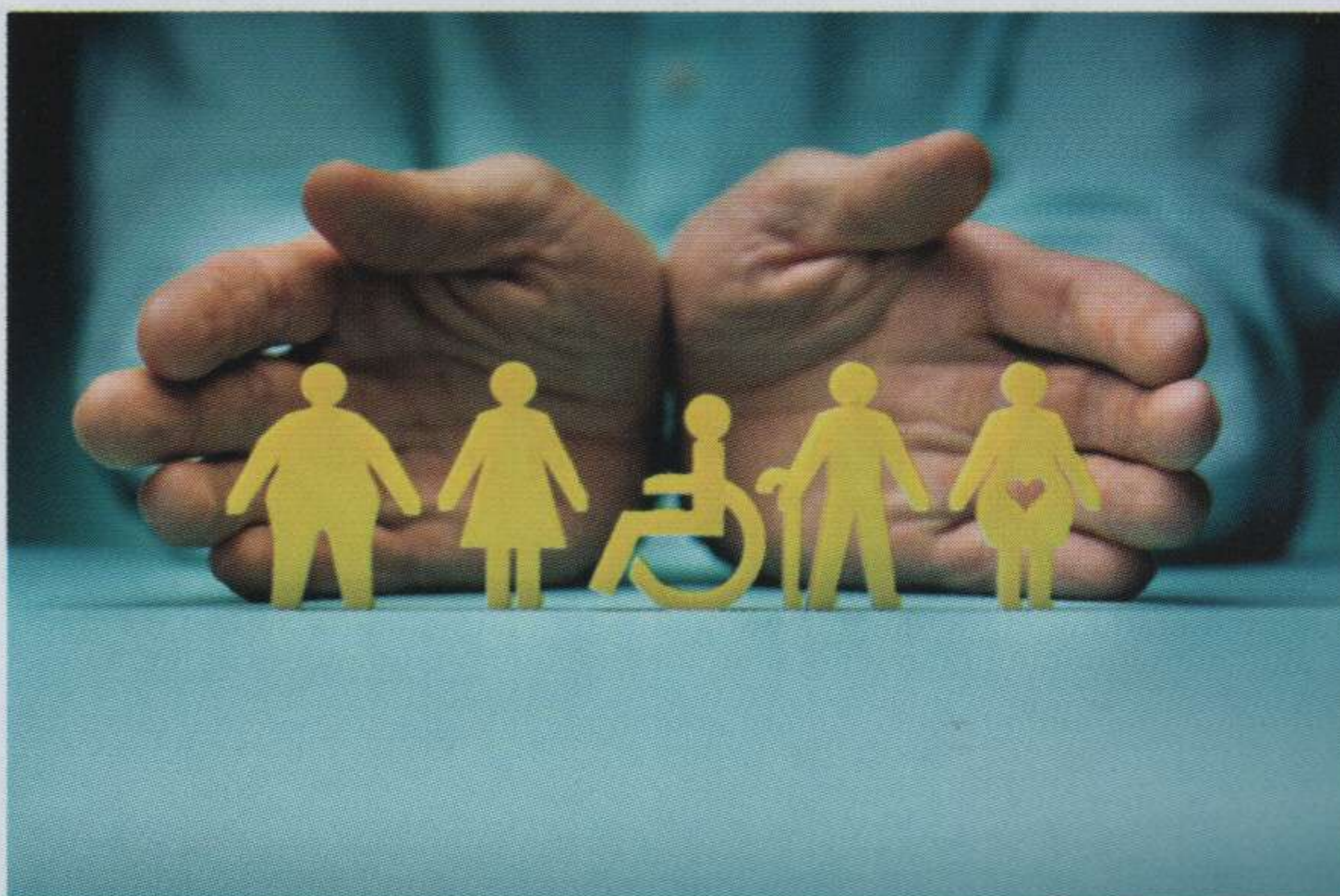


Foto/Robson Regato

INOVANDO NA INCLUSÃO

O mogiano Cid Torquato, tetraplégico após acidente, luta para ampliar a inserção das pessoas com deficiência em todas as áreas, com foco na acessibilidade digital
por Carla Olivo

“Quanto menos o **Cid Torquato Junior** se move, mais ele muda o mundo”. A frase dita por uma amiga e lembrada pelo mogiano na entrevista à **Revista A**, no Centro Municipal de Paradesporto Cid Torquato, em Mogi das Cruzes, traduz sua obstinação e soa como mantra para ele que, com 44 anos, no auge da carreira profissional, passou a viver preso à cadeira de rodas após quebrar o pescoço ao mergulhar no Mar Adriático, na Croácia, em 2007. O advogado e fundador da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico tem 80% do corpo sem ou com muito pouco movimento, mas a cabeça não para, envolvida em trabalhos pela inclusão das pessoas com deficiência. Militante da causa desde o acidente que o deixou



tetraplégico, Cid se mostra incansável. Sempre ligado à área de tecnologia e antenado nas inovações digitais, o ex-secretário municipal da Pessoa com Deficiência de SP e ex-secretário adjunto de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência atua como CEO do ICOM - serviço para tradução simultânea de Libras da AME (Associação dos Amigos Metroviários dos Excepcionais) -, e é gestor do Bar do Bretagne, icônico edifício em Higienópolis (SP), onde mora há 40 anos. Filho de Neyde Porcelli Torquato e de Cid Torquato (falecido em 1999), o marido da francesa Fabienne Muzy e pai de Nicolau e Nina compartilha a fórmula da superação na entrevista a seguir.

Quais lembranças dos tempos vividos em Mogi das Cruzes?

Quando penso na infância e adolescência em Mogi, só lembro de coisas boas, porque foram fases fantásticas. Meus pais eram muito bons, nunca brigaram, sempre conversavam bastante comigo e minhas quatro irmãs (Neicy, Cinthya, Renata e Sabrina) e nossa convivência era harmônica. Tenho recordações positivas das escolas onde estudei. Além disso, joguei basquete e era rato do Clube de Campo, onde ficava o dia todo após a aula.

Por que a ida para São Paulo?

Na época, para alguns, era automática a ideia de terminar o colégio e fazer faculdade fora de Mogi, que tinha pouco mais de 100 mil habitantes e menos oportunidades. Quando me perguntavam o que queria estudar, dizia que seria arquitetura, mas na hora da escolha, mais do que Direito, escolhi a Faculdade do Largo São Francisco, da USP (Universidade de São Paulo). Tive alguns espasmos de trabalho com Direito, mas sempre o usei na minha vida. Também fiz intercâmbio pelo Rotary na Austrália, em 1980, aprendi inglês, viajei e tive interesse pelo turismo. Mas antes de entrar na faculdade, havia trabalhado dois anos na Vasp, como recepcionista no aeroporto, e durante o curso de Direito, dei aulas de inglês.

O senhor foi pioneiro no e-commerce no país. Como este trabalho começou?

Na década de 90, trabalhei com publicidade e marketing, dava consultoria a empresas e escrevia em publicações nacionais, como o Meio & Mensagem e Revista da Criação, e internacionais. Trabalhei em agências, comecei a usar a internet em 1995, e o email mudou minha vida. Em 1999, fui para a empresa americana Star Media, um portal da internet, líder no Brasil na época, que queria atuar em toda a América Latina. Fui diretor de comunicação corporativa de lá, então, surfei a onda do boom da internet. Foi uma experiência tremenda, com pioneirismo no streaming.

Foi assim que teve início seu envolvimento com o Governo Federal e a



Reunião com fundadores da Associação de Nanismo Brasil, com o prefeito Bruno Covas

Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico?

Na Star Media, lançamos a política de governo eletrônico na gestão do Fernando Henrique Cardoso. Em 2000, a bolha estourou, muitas empresas quebraram, saí da Star e fui para o Governo Federal. Desta experiência em Brasília, veio a ideia de fundar a Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico para representar o setor que crescia na economia, reunindo 100 sócios-fundadores das principais empresas do comércio eletrônico, em 2001. Fiquei até 2006 e participamos de fóruns internacionais, como a cúpula mundial sobre a sociedade da informação, trazendo as novidades de fora para cá.

Após o acidente, no auge da carreira, como buscou forças para retomar a vida?

Não havia outra alternativa, a não ser me reabilitar e voltar às atividades, tanto que, no Hospital Oswaldo Cruz,

em São Paulo, onde fiquei após quebrar o pescoço na Croácia, só pensava no que iria fazer a partir dali. Estava sendo contratado por uma empresa norueguesa para dirigir sua operação no Brasil e, embora insistissem para que eu continuasse, não havia condição. Ainda em 2007, me reabilitando, dei consultoria a eles por quatro meses. Pensei em trabalhar com Direito relacionado à saúde, porque precisei resolver questões do convênio via Judiciário e vi a dificuldade para exercer meus direitos. Estava tudo pronto para começar em um escritório de São Paulo, onde o Renato Ópice, especialista em Direito Digital, me abriu as portas, no início de 2008, mas conheci a Dr^a Linamara Rizzo Battistella, uma semana antes de sua posse como secretária de Estado (dos Direitos da Pessoa com Deficiência) e ela me convidou para seu time. Por oito anos, fiz muita coisa em tecnologia assistiva, cheguei a secretário-adjunto, onde atuei três anos e, sem intenções,



Visita à Casa Cor São Paulo para pessoas com deficiência

ajudei na campanha do João Doria, em 2016, e fui convidado para secretário municipal. Trabalhei com a equipe que já estava lá, porque penso que o mal da gestão pública é a falta de continuidade e memória.

De que forma superou as dificuldades do início da nova vida?

Tive que me acostumar com a falta de movimentos. Não movimento as mãos e a pior coisa é a dependência dos outros. Não faço nada sozinho, a não ser mexer um pouco no tablet, tocar na cadeira e falar. Preciso de ajuda para comer, ir para cama, ao banheiro, tomar banho... A dependência é um aprendizado diário, convivendo com auxiliar e enfermeiro, além de fisioterapia todos os dias. Exige disciplina e vontade de seguir em frente, porque os desafios e provações são muitos. Sempre tive apoio da família, a cumplicidade e resiliência da minha mulher e dos meus filhos. Minha mãe é um porto seguro, me ajudou bastante, assim como minhas irmãs e amigos. Uma história como esta não dá certo sem apoio.

Quais os caminhos para ampliar o acesso das pessoas com deficiência ao mercado de trabalho?

Imagino que é mais fácil para alguém que sofre um acidente e adquire uma deficiência, como eu, que já tinha toda uma vida pregressa, sem deficiência, bem produtiva, com várias atividades, então, havia estofo, bagagem, experiência, embora tivesse que encontrar outros caminhos e me reinventar. É mais difícil para quem nasce com deficiência, porque tem toda uma vida de barreiras e de não pela frente, principalmente se não tiver recursos. Terá problemas na moradia, com calçadas na hora de sair de casa,



Com a esposa Fabienne Muzy e a filha Nina Muzy Torquato

transporte, reabilitação, escola... Muitas vezes, essas pessoas chegam à fase de ingresso na vida profissional sem preparo, mas o emprego para a pessoa com deficiência é como para qualquer outro grupo e exige capacitação. Temos menos de 500 mil pessoas com deficiência que têm carteira assinada, porque muitas empresas não cumprem a Lei de Cotas, mas deveriam ser mais de 1 milhão. Isso mostra a resistência da sociedade, que vê a pessoa com deficiência sob a ótica do capacitismo. No século 20, tivemos o desenvolvimento do processo civilizatório da sociedade com foco na superação do preconceito. Com informação e protagonismo podemos mudar este quadro.

Como ex-secretário, o que o senhor tem feito pela inclusão?

Modéstia à parte, fizemos uma gestão excelente, com implantação da Central de Intermediação de Línguas. Quando saí da Prefeitura, no final da gestão

passada, já havia recebido convite da AME, onde sou CEO. Os surdos enfrentam dificuldades com o português e querem se comunicar na língua deles, em Libras. Essa ferramenta é fantástica e respeitada. Falo com gente de todo o Brasil e surgem oportunidades de negócios, porque a questão da deficiência vem crescendo. Faz parte, ainda, das minhas atividades atuais, a gestão do bar do Bretagne, prédio onde moro. Após o acidente, passei a frequentá-lo mais e a chamar as pessoas que quero encontrar para lá. Portanto, ser dono de boteco é um hobby.

O senhor recebeu três medalhas na Câmara Municipal de São Paulo, incluindo a Anchieta. O que estas honrarias representam em sua trajetória?

Ser reconhecido pela Câmara Municipal de São Paulo com o Título de Cidadão Paulistano e as outras medalhas pelo conjunto da minha



Com os amigos Roberto Meir e Marcos Alencar, em visita à Universidade de Harvard



A mãe Neyde Torquato com os netos Laura, Rafael, Nina, Clara e Júlia



O pai, Cid Torquato



A mãe Neyde Torquato com as filhas Cinthya, Sabrina, Renata e a nora Fabienne Torquato

obra, trabalho e contribuição à sociedade é bem interessante. A cerimônia foi emocionante, tinha mais gente do que eu esperava, e fiquei feliz de rever amigos e nos reconectarmos.

Na cerimônia, o senhor destacou que uma de suas metas é a acessibilidade digital. Como está este processo?

Em minha militância, destaco a temática da acessibilidade digital, que é o assunto ao qual mais me dedico hoje e tenho colaborado muito na formatação deste mercado. Como secretário, criei o selo da acessibilidade digital da Comissão Permanente de Acessibilidade da Prefeitura de São Paulo, junto à ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). A primeira norma de acessibilidade em aplicativos foi lançada em dezembro passado e esperamos que até o final do ano, tenhamos a norma brasileira de acessibilidade em sites, para regulamentação das leis. Então, tenho ajudado nestas questões mais estruturantes da acessibilidade digital.

Hoje, qual sua relação com Mogi?

Minha mãe mora em Mogi, onde temos algumas propriedades, e por questões familiares, mantenho uma relação forte com a cidade, mas também tenho memórias positivas daqui, assim como amigos, que sempre encontro. Gosto de vir para cá, joguei bocha parolímpica no Centro de Paradesporto Municipal, colaborei com o desenvolvimento do paradesporto em Mogi e com recursos para a construção do ginásio com o nome do meu pai, que foi professor de Educação Física, sofreu uma amputação e colocou órtese.

O que gostaria de fazer por Mogi e ainda não foi convidado para tal?

Não descarto a possibilidade de, no futuro próximo, voltar a Mogi e, inclusive, me envolver na política da cidade. Costumo dizer que tenho dupla cidadania, porque gosto de São Paulo, mas também das minhas origens em Mogi. O paradesporto aqui ficou em evidência, principalmente em função do Dirceu Pinto, mas houve poucas políticas públicas em prol da pessoa com deficiência. A cidade poderia ser mais acessível. Tenho falado com o prefeito Caio (Cunha) e tentado trazer o ICOM a Mogi, mas quero ajudar em uma visão mais ampla, talvez fazendo um planejamento ou um plano diretor de acessibilidade e políticas públicas para inclusão das pessoas com deficiência de uma maneira geral, em todas as áreas.

Qual a mensagem às pessoas que vivem situações semelhantes à sua?

A gente vive uma vez só e precisa tirar o máximo disso. Digo a todas as pessoas e não só àquelas com deficiência, que precisamos ter uma vida mais plena e interessante possível, com bom relacionamento familiar, capacitação e contribuindo com a sociedade financeiramente e em questões sociais e de inclusão. Não consigo entender quem não tem esse drive de viver, porque tento sempre tirar o máximo da vida.



Com o prefeito Bruno Covas e o presidente Michel Temer



Com o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e com amigos no seu Bar do Bretagne, em Higienópolis



Prêmio Governo do Estado de São Paulo para as Artes, categoria Inclusão, com o governador de São Paulo, João Doria



Recebendo o Título de Cidadão Paulistano na Câmara Municipal de SP